
HENRI DE LUBAC

A teologia deste século não seria a mesma sem o ensinamento de Henri de Lubac. Bem antes de ser nomeado cardeal, o P. de Lubac era já um dos pontos cardiais do universo teológico, e todos nós, teólogos ou simplesmente cristãos que pensam e dizem a sua fé, fomos orientados por seu magistério que o Magistério assumiu em encíclicas de Paulo VI, de João Paulo II e sobretudo em numerosas passagens do Concílio Vaticano II. O extraordinário da homenagem que o Papa lhe conferiu, nomeando-o cardeal, consiste, antes de tudo, no reconhecimento de um teólogo que, como um clássico, era já patrimônio da Igreja: suas idéias, suas palavras passaram a ser idéias e palavras de todos, mesmo daqueles que, sem conhecê-lo, o citam.

Como não lembrar agora o que ele mesmo, longe ainda do reconhecimento oficial e até suspeito por ele, escrevia por volta de 1948 como sendo um dos "paradoxos" que definem a existência do teólogo: "A personalidade autêntica só se adquire à força de impersonalidade e de abnegação na investigação, e uma grande influência, impessoal nesse sentido, só se obtém graças a essa personalidade" (P 48) (). Foi esse o segredo da legendária modéstia de H. de Lubac, o que fez com que, aparentemente, sua personalidade desaparecesse por trás da erudição imensa de sua obra, e que sua obra fosse, em grande parte, dedicada a fazer escutar outras vozes que não a sua. Vozes da tradição da Igreja que muitas vezes, numa escolha significativa, seriam as vozes daqueles que H. U. von Balthasar, analisando a obra de H. de Lubac, denomina "os grandes vencidos, aqueles que foram derrubados pelas intrigas de espíritos mesquinhos ou por um catolicismo estreito". De Orígenes de Alexandria a Teilhard de Chardin, de Pico de la Mirandola e Blondel, dos Santos Padres aos modernos filósofos, H. de Lubac se esforçou por mostrar a gregos e troianos que "o seio maternal da Igreja é bastante vasto para conter os maiores espíritos e os mais diversos" (NP 122), e que a ortodoxia, do ponto de vista da fé e para a mesma fé, é ao mesmo tempo "a coisa mais importante e a menos suficiente" (NP 114), pois, abandonada a si, está ameaçada pelo sonho de possuir" em lugar do espírito da letra, uma única letra para o espírito" (NP 122).*

(*) As siglas P e NP remetem a duas obras de Henri DE LUBAC: *Paradoxes*, Paris 1946, e *Nouveaux Paradoxes*, Paris 1955.

A tarefa, que H. de Lubac se impôs como homem de Igreja e teólogo, quis ser, antes de mais nada, uma resposta "situada", uma resposta para as esperanças e os problemas suscitados "pelo imenso trabalho de busca" que se realizava na Igreja da França no imediato pós-guerra. Mais uma vez, porém, essa resposta aparecerá como um paradoxo: "Se o teólogo não pode permanecer fechado em seus trabalhos de especialista, não será permanecendo aquém desses trabalhos, mas emergindo além deles, que poderá dar seu testemunho próprio" (NP 38). Pior do que o risco da evasão ou da acusação de desertar a realidade concreta em favor de abstrações e tecnicismos, é a traição da tarefa intelectual que cabe ao teólogo na Igreja. O teólogo só pode situar-se enraizando-se: "Só vive o que está enraizado. Mas para enraizar-se verdadeiramente muitas vezes é necessário parecer desligado" (P 65). É assim que H. de Lubac se tornou um homem da Tradição, por força da urgência e da seriedade dos problemas mais atuais. Não foram a simples apologética ou a adaptação fácil que o guiaram: "Antigamente queria-se defender o cristianismo. Hoje se quer adaptá-lo. Mas a preocupação em defendê-lo foi tão grande que não se pensou mais o que ele é. O mesmo perigo espreita hoje a exagerada adaptação" (P 47).

A Tradição é invenção, porque "o pensamento cristão não existe em si mesmo em nenhum lugar. Ele não tem a subsistência objetiva da doutrina e só pode nascer pelo esforço de pensamento do cristão. O esforço de pensamento fornecido por nossos Pais não nos dispensa de um esforço análogo. Porque o pensamento não pode ser entesourado. É algo vivo, que paralisa, esclerosa e morre bem depressa" (P 59-60)

Pioneiro da "volta às fontes", H. de Lubac escreverá ainda: "O grande esforço consiste em reencontrar o cristianismo em sua plenitude e em sua pureza... porque, se o cristianismo é eterno, não se segue que estejamos definitivamente identificados com ele. Por uma tendência natural nunca cessamos de perdê-lo... os hábitos e a rotina têm uma força incrível de desperdício e destruição... Mas como reencontrar o cristianismo senão for remontando às suas fontes?... Quantas explorações na vastidão da história supõe essa investigação! e, para dizer tudo com uma palavra, quanta arqueologia!" (P 67-68). Como seu amigo Teilhard, paleontólogo por causa do futuro do homem, H. de Lubac será "arqueólogo" da teologia por amor ao futuro da Igreja.

O título de seu primeiro grande livro, Catholicisme, les aspects sociaux du dogme, resumirá assim todo um programa e será o núcleo,

de onde surgirão organicamente as restantes grandes obras de H. de Lubac. Cada uma delas tentará explorar na profundidade do "rio" da tradição histórica da Igreja — e a Tradição nunca é tradicionalista nem pode ser fixada num sistema único — aquela verdade a "fonte" que inclui em si, catolicamente, a plenitude e a totalidade da resposta às perguntas dos homens. Daí a necessidade de que o dogma se manifeste nos "aspectos sociais", na dialética que necessariamente deve unir a pessoa e a comunidade, a salvação imanente e transcendente. Daí a crítica, modesta, mas implacável, que H. de Lubac levará a cabo contra a credulidade, o sectarismo e a preguiça eclesial: "Todas as fórmulas, todas as precauções da ortodoxia, todos os escrúpulos da conformidade literal, todas as barreiras são impotentes para salvaguardar a pureza da fé. Se o espírito vier a faltar, o dogma não é mais do que um mito e a Igreja não é mais do que um partido" (P 17).

É a procura da catolicidade histórica e social da revelação cristã que manterá H. de Lubac atento sempre ao fenómeno dos ateísmos modernos assim como a outras formas de religião, de maneira especial ao budismo: "Existem em toda parte, disseminados no mundo, místicos em potência ou no estado selvagem. São esses que, antes de mais nada, devem ser atingidos. Esses que, por definição, não fazem parte de nenhum público. Cor ad cor loquitur" (P 36).

É nessa paixão pelo catolicismo e seus "aspectos sociais" que nós queríamos escutar o ensino do Cardeal de Lubac. Mais do que oferecer-lhe uma homenagem, desnecessária, quisemos recolher aqui o testemunho do que nos parece ter constituído a fecundidade de seu trabalho como teólogo. A situação em que nosso pensamento teológico deve crescer não é mais a mesma. Continua, porém, sendo verdade que "as mudanças decisivas nunca são gratuitas, elas surgem de novas questões que exigem respostas originais... todo pensamento está assim necessariamente situado... toda inteligência é, por conseguinte, necessariamente aberta. Quando ela se fecha sobre si mesma, seja qual for a riqueza acumulada, é incapaz de manter intato seu tesouro. Seca, apodrece ou evapora. O homem de fé que pretende fixar-se de uma vez para sempre em determinada etapa da compreensão da fé... cessa de crer e pensar com a Igreja viva. Não se priva de nuances ou precisões novas, perde a realidade e a substância mesma da fé" (NP 13-14)

A Igreja viva deste Continente, diante de desafios e mudanças que certamente não foram "gratuitos", tem procurado respostas originais que são as únicas que permitem a fidelidade à tradição viva do Evangelho e não deixam que a realidade e a substância mesma da

fé se percam. Essas respostas foram oficialmente assumidas pelo magistério de seus bispos em Medellín e Puebla. É desse magistério que procedem expressões como a de "opção preferencial pelos pobres". Só a memória curta veria aí uma inovação ilícita ou acomodatória. Da nossa parte queremos ver nela uma convergência na profundidade, na "fonte", com a tradição viva da Igreja. É o próprio Cardeal de Lubac que escreveu: "Optar pelos pobres é ter sempre a certeza de não enganar-se. Optar por uma ideologia não é garantia de não nos termos, pelo menos em parte, enganado. Submeter-se a uma ideologia não é garantia de ter optado pelo melhor partido. Optar pelos pobres é ter sempre certeza, é ter duplamente certeza de ter feito a melhor opção: de ter optado como Jesus e de ter optado por Jesus" (NP 55)